



## **Verdurada: uma breve reconstrução dos interdiscursos que constituem sua história<sup>1</sup>**

Denise de Paiva Costa Tangerino  
Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo analisar o discurso das cartas-convite para o festival musical *Verdurada*, vinculado ao movimento *straight edge*. Para tal, analisando os textos produzidos pela ONG *Coletivo Verdurada*, são levantados e reconstruídos os interdiscursos que constituem o evento. Ainda, são abordados os discursos recorrentes, encontrados nas redes sociais, postados por participantes das inúmeras edições do evento. Por último, procuraram-se os aportes necessários para a análise destes discursos, compreendendo suas dimensões históricas, os elementos midiáticos e os processos comunicacionais articulados ao estilo de vida dos participantes do festival.

### **Palavras-chave**

Comunicação; Consumo; Juventude; Discurso; *Straight Edge*

### **Apontamentos iniciais: questões relativas ao discurso**

Este artigo foi estruturado a partir de resultados parciais obtidos na dissertação de mestrado “*Straight edge: engajamentos comunicacionais e novas práticas de consumo*”, desenvolvida pela autora junto ao PPGCOM-ESPM<sup>2</sup>. Adotamos como principal objetivo articular questões conceituais pertinentes ao estudo da análise do discurso com a problematização das práticas de consumo (de materialidades, simbólico e midiático) que permeiam o universo de um festival musical de ênfase juvenil e anti-sistêmica. O corpus desta etapa da investigação é constituído pelas narrativas e interdiscursos constituintes da carta/convite para o evento *Verdurada*, de janeiro de 2010, organizado pela ONG *Coletivo Verdurada*<sup>3</sup>. Para tal, como marco norteador, utilizaremos algumas das normas, que fecham todas as cartas/convite para as edições do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Sob a orientação da Profa. Dra. Rosamaria Luiza de Melo Rocha

<sup>3</sup> [www.verdurada.org](http://www.verdurada.org)



evento, a saber: 1) Por favor, sem álcool, drogas ou cigarro dentro do local do evento; 2) Nada de alimentos que contenham produtos de origem animal; 3) Banquinhas de livros, cds, fanzines e material independente e divergente a preços populares, mesmo!; 4) Os shows acabarão antes das onze e meia da noite, para que os espectadores possam se valer do sistema público de transporte; 5) Uma parte do dinheiro dos ingressos será utilizada em campanhas públicas de assuntos ligados aos interesses do Coletivo Verdurada, como vegetarianismo ético, práticas de democracia direta, questões políticas e sociais.

Compreendemos que os sentidos construídos nos discursos são coletivos, formados na interação entre os sujeitos, sendo constituídos e constituidores das práticas culturais, que, como nos diz Orlandi (1999), são pistas de sentidos produzidos, relacionando-se com suas condições de produção. Esses sentidos não apenas estão articulados com o que se é dito naquele momento, mas ‘também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e que poderia ser dito, e como poderia ser dito e não foi’. E ainda, são ‘margens do dizer do texto, que também fazem parte dele’. (ORLANDI, 1999, p.31) Dessa maneira, procuramos relacionar os discursos que permeiam as ações dos participantes e organizadores do festival, com a assumida adoção de um estilo de vida através de novas práticas de consumo, que são também práticas comunicacionais. Por último, buscamos nos interdiscursos entender quais são os seus efeitos, pois, como diz Orlandi (1999: p. 34), ‘é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o ‘anonimato’ possa fazer sentido em ‘minhas palavras’’. Sendo assim, reconhecemos a importância de considerar o contexto histórico e as condições de produção na qual essa polifonia está inserida.

Também é importante ressaltar a implicação particular desta opção metodológica, posto que aqui a colocamos em diálogo com os estudos sobre as juventudes que adotam como pressuposto epistemológico o reconhecimento das próprias narrativas juvenis como pólos nucleares e norteadores da investigação sobre as interfaces entre juventude, consumo e mídia. Assim, assumimos com Rocha (2009b), a localização da centralidade do estudo das juventudes para o campo da comunicação e, em sentido complementar, o reconhecimento da importância de suas elaborações narrativas para, aos moldes de Martín-Barbero (2004), cartografar os mapas culturais da contemporaneidade.



## O que é a *Verdurada*?

Em 1996, em São Paulo, um grupo de jovens *straight edges*<sup>4</sup> resolveu organizar uma festa que estivesse alinhada tanto com seus rígidos valores, quanto com seus gostos musicais, práticas de consumo e entonações ideológicas. Escolhendo viver em uma estrita dieta alimentar, em que não se consome nenhum tipo de produto que venha de animais ou de marcas que explorem a condição animal, esse coletivo juvenil decide criar uma Organização Não Governamental (Coletivo Verdurada) que pudesse fazer ações para disseminar seus ideais, principalmente por meio de um festival de música, a ‘Verdurada’. Marcado por um altíssimo som, com batidas pesadas, o evento é contagiado pela execução e recepção da música e das coreografias pertinentes ao movimento *hardcore*. Quando os músicos começam a tocar, na frente do palco, surge uma imensa ‘galera’, que, embalada pelas ‘*rodas de pogo*’, dança e pula, em um ritual instigante e desafiador. Tomando por referência uma narrativa elaborada pelo fundador da comunidade ‘*Roda de Pogo*’, Cristiano de França, temos a seguinte definição, paradigmática da sintonia pretendida pelos integrantes:

Pogo é aquela dança energética que rola tipicamente acompanhada de um punk-rock ou hardcore. Pogo é uma dança de impacto para quem tem atitude, inquietude e energia para descarregar. Não é uma pancadaria sem sentido como tentam reproduzir alguns **headbangers** (alguns não todos).

(Comunidade Roda de Pogo. Disponível no link: [www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=661892](http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=661892). Acesso: 10/01/2010, às 14h45min)

A cada intervalo, seus participantes, já iniciados nesse ritual, voltam a conversar e interagir, deixando claro que estão lá para ‘curtir’, aquela sintonia de valores, de maneira pacifista e comunitária. O que poderia parecer uma ritualística da violência indica, na verdade, uma destinação ritualizada da agressividade. Algumas vezes acontece de um dos participantes se machucar na roda, imediatamente os colegas param de dançar e o ajudam a sair do meio da multidão e, quando necessário, procuram a devida ajuda. No final, ‘as contusões’ acabam por se tornar méritos, como nota-se nesta afirmação de Lupa, um dos jovens participantes da comunidade Roda de Pogo do Orkut:

---

<sup>4</sup> Estilo de vida juvenil, que prega a abstinência total de drogas e álcool como forma de construir uma consciência mais sólida sobre a vida. Na maioria dos casos, vem associada a uma rígida postura alimentar vegetariana, ou para os mais radicais, vegana. Esses jovens vestem-se de modo despojado, em alguns casos adotando um estilo similar ao dos ‘punks’, e escutam *hardcore*, como parte de uma postura anti-sistêmica.



‘haushuash (risada no vocabulário de internet) eu levei uma cutuvelada fóóóda nu lado da cabeça bem na "fonte".. na hra eu fikei tonto mas continuei.. dps deu uma dor de cabeça fdp... ehehe mas vlw a pena :D’<sup>5</sup> Essas marcas corporais são signos que comunicam uma cultura, e de alguma forma, um estilo de vida bastante particular, que contraditoriamente existem esses momentos que nos parecem ‘*mais agressivos*’, mas que no fundo podem ser vistos como uma fruição coletiva, um gozo entre os iguais.

O festival, apesar de seguir a uma dinâmica bastante parecida ao do movimento e da musicaliade de base punk, tem como particularidade o fato de, ao fim dos shows, usualmente serem feitas palestras sobre assuntos políticos polêmicos (anarquismo, legalização do aborto, destruição do meio ambiente), oficinas de participação coletiva, debates, exposições de vídeos que, de uma forma geral, trazem questões voltadas à ações contraculturais (material e cultural). Por último, com a ajuda de representantes dos *hare krishna*, distribuem alimentos preparados à base de legumes e verduras, acompanhados de sucos de soja. Recorrendo à própria fala coletada no site da ONG, vemos que o encontro é considerado ‘o mais importante evento do calendário faça-você-mesmo brasileiro’, em uma clara remissão ao ideário do movimento punk. Por sua longevidade, o festival já completa 14 anos, com a participação massiva de bandas nacionais e internacionais, bem como, de selos alternativos e produtoras independentes. É considerado por seus simpatizantes o evento de maior importância na cena musical *hardcore-punk-straightedge* nacional. E também, é conhecido como um local alternativo de troca de idéias entre jovens que têm uma consciência anti-sistêmica e que procuram novas formas e estilos de vida. O convite dos shows, única forma de ‘comunicação oficial’, é um texto escrito, enviado por e-mail, para o mailing de participantes das edições anteriores e de pessoas cadastradas pelo site. Não há um ‘boletim’ ou ‘newsletter’ com as notícias pertinentes aos freqüentadores, mas pelo site da ONG, qualquer pessoa pode ter acesso ao pôster de divulgação, que impresso artesanalmente, pode ser colado livremente na cidade. Cabe ressaltar que apesar das regras do festival e da forma com que esses jovens declaram levar a sério cada uma delas, os freqüentadores do evento são receptíveis e com facilidade se relacionam com os que não são do grupo. Dessa maneira, muitos jovens que são engajados em diversas outras filosofias ou ONGs, como os anarquistas, os *punks*, os ambientalistas, os

---

<sup>5</sup> Texto retirado da página:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=661892&tid=5605997&start=1> Dia: 10/01/2010, às 15h.



engajados na preservação da vida e do meio ambiente, os *hare krishna*, ou *rappers*, e etc, acabam participando de várias edições do evento. É a busca de um espaço democrático de participação, de discussão e de convivência entre os diferentes grupos juvenis.

### **1. Por favor, sem álcool, drogas ou cigarro dentro do local do evento**

A primeira regra do festival está diretamente relacionada ao estilo de vida dos organizadores e simpatizantes do festival *hardcore*, o de não utilização de drogas como forma de manter a lucidez e a consciência plena. A expressão *Straight Edge*, que não tem uma tradução precisa, mas numa adaptação livre poderia significar algo parecido com ‘*caminho correto*’, ou ainda, segundo o *straight edger* e blogueiro Felipe HC, outra possibilidade para o termo seria a de que ‘*Edge*’ significaria “além de beirada, limite, significa também raiva, nervosismo, enfim um sentimento intenso”. Já ‘*Straight*’ “além de reto literalmente, também seria careta (no sentido de ‘livre de drogas’), correto, direito, quadrado”. (FELIPE HC, 2009)

Na história do grupo, dois eixos constituidores, que foram discursos fundantes, marcam sua atual constituição discursiva: o movimento punk e as campanhas ‘*Drug Free*’ e ‘*Just say No*’, capitaneadas pelo governo Ronald Regan, considerado símbolo da nova direita norteamericana. Compreendemos que esses discursos foram se transformando, mas que essencialmente, de alguma forma, continuam presentes nos jovens que optam por esse ‘estilo de vida’.

Segundo Mantese (2005), mestre em antropologia urbana, apesar de se considerarem *punks straight edges*, assumiriam um postura bastante contraditória às ideologias originais do movimento *punk*, criticando essa postura de gastar grande parte do tempo se drogando ao invés de tentar modificar a sociedade a qual eles tanto criticavam. Assim, manter-se sóbrio era uma forma de perceber a sociedade sob novas perspectivas para propor ações alternativas de mudança, que de alguma maneira seria mais ‘*positiva*’ e ‘*ativa*’.

“Identificavam que os punks achavam que as coisas não tinham mais volta, que a sociedade se encontrava no fim da linha, que o mundo terminaria por ‘acabar numa grande explosão’ nuclear e que, portanto, não havia mais o que fazer – ideias representadas sob a insígnia do lema no future”. (Mantese, 2005, p.14),



Por outro lado, na mesma época, emergiam discursos conservadores e fundamentalismos religiosos, que, em um de seus braços, foram publicizados por Nancy Regan no que se denominou ‘*drug war*’, tendo como slogan ‘*Just Say No*’. Segundo Ross Haefler durante as décadas de 1970 e 1980 os movimentos cristãos americanos contribuíram para a constituição de um clima conservador que afirmava que os valores da nova cultura juvenil faziam com que eles ‘perdessem o controle do caminho de suas vidas’(2004, p. 416). Essas campanhas eram feitas nas escolas onde muitos desses jovens, que já estavam freqüentando os festivais *punks*, estudavam. Dessa maneira, seus ideais fundantes estavam bastante influenciados pelos discursos de domínio próprio e compromisso a ‘*clean living*’ pregados pelos puritanos.

Contraditoriamente encontramos no discurso do grupo uma ‘lista de valores do movimento reflete essa curiosa mistura das influências conservadoras e progressivas’. (Parkin *apud* Haefler, 1968, p.41) Se, por um lado, eles pregavam uma postura ‘anti-sistêmica’ baseada nos lemas punk, por outro, eram extremamente conservadores, retomando o discurso sistêmico, governamental e religioso. Na confluência desses discursos, foi se configurando uma busca por uma ‘*liberdade*’, que pode ser justificada por duas perspectivas:

‘uma de caráter mais íntimo, que denota a manutenção de um nível de controle sobre si mesmo que apenas a lucidez poderia garantir (...), e outra que reporta à libertação em relação às expectativas sociais cristalizadas na própria cena punk/hardcore’. (FREIRE FILHO; LINHARES: 2009, 263)

Com o discurso centrado na lucidez, esses jovens foram incorporando outras influências, como as de restrição alimentar, como práticas que conduziam a uma diferente consciência da vida, muito mais preocupada com a compreensão (da vida, do meio ambiente, da política e etc) e a prática (com seus próprios atos e escolhas) como formas de engajamento e mudança social.

## **2. Nada de alimentos que contenham produtos de origem animal<sup>6</sup>**

Pouco tempo após a conformação dos ideais *straight edgers*<sup>7</sup>, e com a busca constante de uma consciência da preservação da vida, rapidamente outros

---

<sup>6</sup> Nesse tópico condensamos a discussão de duas ‘regras’: ‘Nada de alimentos que contenham produtos de origem animal’ e ‘Venda de comida vegetariana, desde hambúrgueres, coxinhas, kibes, até bolos, tortas, bombons’.



comportamentos identitários, associados a práticas humanitárias, foram sendo incorporadas, como o respeito à ‘vida animal’ e ao meio ambiente, adotando uma conduta vegetariana<sup>8</sup> ou vegana<sup>9</sup>. Por mais que essa posição tenha sido assumida de maneira hegemônica pelo movimento, existem jovens que continuam a comer carne, porém em menor quantidade ou abstendo-se apenas de carne bovina e suína. Porém, de uma forma geral, os *straight edges* assumem uma postura bastante clara e radical em relação à alimentação, que durante o festival, é expressa pela proibição total de alimentos que tenham origem animal, bem como, incluindo bebidas e produtos industrializados. Hoje, os grupos mais ortodoxo nas questões alimentares e as formas de produção/consumo de produtos ‘*conscientes*’ são denominados ‘*Vegan Straight Edges*’. (Mantese, 2007; Williams, 2003; Haenfler, 2004) Influenciados pelas teorias do ‘*especismo*’, especialmente disseminadas pelo biólogo e filósofo Peter Singer, que propõe que todos os animais são iguais, e não se deve aceitar nenhum ‘preconceito ou atitude de favorecimento dos interesses dos membros de uma espécie em detrimento dos membros de outras espécies’. (SINGER, 1979: p.10) É a constituição de uma nova ética, que compreende todas as espécies como iguais, a serem respeitadas da mesma forma, mesmo que isso faça com que os seres humanos tenham que repensar todas as suas formas de consumo e procurar rotas alternativas de produção/circulação/consumo de produtos. Com essa concepção, toda a forma de exploração animal, principalmente as que causem dor e sofrimento, é uma prática de *especismo* e deve ser abolida.

Assim, os *vegan straight edges* não consomem nada que provenha dos animais, mesmo os corantes artificiais que estão contidos em vários alimentos industrializados e o mel de abelha. Ampliando esse conceito, os mais radicais não consomem nenhum produto que venha de uma marca ou empresa que possua outros produtos de origem animal, ou que faça testes em animais, ou, ainda, que promova rodeios e festas que explorem os animais como diversão.

---

<sup>7</sup> Não se sabe ao certo quanto tempo depois as questões alimentares foram incorporadas pelos *straight edges*. Para autores como Williams (2003) e Haenfler (2004) acredita-se que poucos anos depois, algo em torno de 3 a 5 anos depois.

<sup>8</sup> Abstinência alimentar de todos os tipos de carne: bovinas, suínas ou de peixes.

<sup>9</sup> Além de serem vegetarianos, não consomem nenhum produto advindo dos animais (mel, leite, ovos, corantes) e nem marcas que fazem testes em animais, que apoiem rodeios e touradas, ou ainda, que comercializem produtos que possuam ingredientes animais.





### **3. Banquinhas de livros, cds, fanzines e material independente e divergente a preços populares, mesmo!**

Durante o festival, levanta Mantese (2005, p.38), “um princípio que parece nortear toda essa rede de trocas é que os ‘produtos’ devem ser produzidos e distribuídos a um ‘preço justo’ pelas próprias pessoas envolvidas”. E a autora ainda complementa, “tentando escapar, ‘correr por fora’ do sistema vigente numa sociedade capitalista” (2005, p.39). Sem contar que, os produtos devem ser fabricados de procedência conhecida, feitas dentro do padrão de alimentação do grupo organizador e dos freqüentadores do evento. Dessa forma, são vendidos desde roupas feitas com materiais “ecologicamente corretos”, até alimentos *veganos*, como hambúrgueres de soja, biscoitos, doces e sanduíches. Com um discurso anti-sistêmico, encontrando saídas alternativas de produção/ circulação/ consumo, esses jovens acabam propondo outro sistema de consumo e socialidade, que de alguma maneira, foge de alguns padrões do ‘capitalismo’, como o lucro e a produção em série, mas acabam criando ‘marcas’ e ‘meios de divulgação’ bastante parecidos com os tradicionais. Percebemos assim, que há uma negociação com o sistema, com uma abordagem mais consciente da necessidade de se pensar a produção de forma menos ‘agressiva’, que não seja baseada na exploração, mas que seja pensada para um comércio mais justo, menos lucrativo, porém mais ‘democrático’.

### **4) Os shows acabarão antes das onze e meia da noite, para que os espectadores possam se valer do sistema público de transporte**

A cultura *punk*, nas últimas quatro décadas tem chegado a quase todos os países do mundo ocidental, principalmente, sendo disseminadas suas músicas e bandas, e de alguma forma, sua filosofia original associada a ações anti-sistêmicas, ainda permanecem porém bastante esvaziadas de sentidos, ou até mesmo, das práticas mais radicais. Já, sua ramificação, o *straight edge*, permanece bastante fiel a sua conformação original, o que de alguma forma, podemos perceber uma ‘cultura *straight edge*’, de alguma maneira, com características mais globais. No Brasil, mais especificamente em São Paulo, na qual o movimento é considerado o mais forte e atuante no país, o *discurso punk*, foi sendo incorporado primeiramente pela periferia da cidade. Uma de suas marcas principais foi a constituição de gangues que eram formadas pelo agrupamento de





alguns jovens, em média entre 15 e 20, e andavam sempre juntos, e propunham ações coletivas e urbanas, afinal, a cidade era o cenário ideal para que seus protestos fossem ouvidos. Como nos mostra Paula Gonçalves, doutoranda que desenvolve sua pesquisa sobre a socialidade punk na cidade de São Paulo:

‘As caminhadas em busca do que fazer, a perambulação de um lado para o outro, a espera durante a madrugada para que a condução voltasse a funcionar para voltar para casa foram os motivos que fizeram com que ligassem sua visibilidade ao nomadismo’. (GONÇALVES, 2005: p. 78)

Já no início dos anos 90, quando surgiram os *straight edges* em São Paulo, muitos jovens da cidade, principalmente da classe média foram se incorporando ao movimento, pois, opostamente aos *punks da periferia*, eram abertos a todas as camadas sociais, a participação de mulheres de maneira igualitária aos homens, e de diferentes faixas etárias. Com um discurso bastante agregador, que vem dessa ‘cultura *punk paulista*’, a Verdurada é realizada em um horário viável para que todos aqueles que queiram participar, possam vir. Como o sistema de transporte público na cidade (metrô, ônibus e trem), de uma forma geral, circula até a meia noite, o evento termina às 11h30min. Os organizadores são bastante pontuais, pois acreditam que essa é uma postura que democratiza e agrega jovens de diversos lugares, abrindo a possibilidade de discussões horizontais e abertas.

**5) Uma parte do dinheiro dos ingressos será utilizada em campanhas públicas de assuntos ligados aos interesses do Coletivo Verdurada, como vegetarianismo ético, práticas de democracia direta, questões políticas e sociais.<sup>10</sup>**

Na Verdurada, assim como nos demais festivais musicais, é cobrado um ingresso, com um valor bastante popular, para que sejam pagas as despesas básicas do evento (estrutura, iluminação e afins), porém o que sobra é utilizado para apoiar campanhas de interesse da Ong Coletivo Verdurada, Pesquisando no site do coletivo,

---

<sup>10</sup> Nesse tópico condensamos a discussão de duas ‘regras’: ‘Uma parte do dinheiro dos ingressos será utilizada em campanhas públicas de assuntos ligados aos interesses do Coletivo Verdurada, como vegetarianismo ético, práticas de democracia direta, questões políticas e sociais’ e ‘Todo o dinheiro arrecadado com os ingressos será utilizado para pagar as despesas com o evento (transporte das bandas, locação do espaço, divulgação, locação da aparelhagem de som e luz)’.



bem como nas redes sociais nas quais eles têm algumas comunidades, não foram encontradas nenhuma campanha com a qual eles contribuíram financeiramente. Também, participando das duas últimas edições do evento (2009), não tivemos contato com nenhum texto ou material no qual eles contam sobre participação em alguma ação social. Sendo assim, relativizando sobre o próprio discurso do coletivo, de ter ações anti-sistêmicas e éticas, nas quais todos possam participar de maneira igualitária, essa postura de não disponibilizar e divulgar quais ações que eles estão contribuindo torna-se bastante contraditória. Nesse sentido, nos questionamos se existem ou não ações concretas sendo feitas, ou ainda, se é apenas um discurso que parece *‘politicamente correto’* aos frequentadores do festival. Ainda, nos perguntamos qual o efeito de sentido dessa regra para quem recebe a carta/convite. Pensando sobre a função da inserção dessa regra, considerando um contexto maior, onde cada uma delas exerce o papel de representar certos discursos únicos, porém que acabam por formular um discurso maior, que englobe diversos outros, percebemos que os sentidos são resultantes de relações, afinal, *‘um discurso aponta para os outros que o sustentam, assim como para os dizeres futuros’*. E ainda, sabendo que *‘nossa sociedade é constituída por relações de forças hierarquizadas, são relações de forças, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’*, a fala de uma ong, que é vista de maneira bastante positiva pelas demais organizações voltadas para a alimentação e o meio ambiente, acaba por reforçar a credibilidade de sua fala, quase não deixando espaço para questionamentos. (ORLANDI, 1999, p.39) Sendo assim, consideramos que o efeito de sentido produzido pelo corpo de regras, de alguma forma, reforça a participação social do coletivo, mesmo que ela não seja *‘real’*, ou que não esteja sendo *‘colocada em prática’*.

### **Considerações finais**

Durante todo o percurso do trabalho, procuramos compreender as relações existentes entre os discursos que constituíram a cultura *straight edge*, levantando os marcos históricos e suas ressignificações para o evento Verdurada. Contudo, foi uma primeira abordagem do objeto de nossa dissertação, o que me parece bastante inicial ainda, e além do mais, pudemos apenas trabalhar uma pequena parte do material que levantamos nos últimos meses, as regras do evento. Nas palavras de Orlandi:



‘cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões. Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais’. (Orlandi, 1999, p.27)

Tendo a ciência de que existiriam inúmeras outras possibilidades de análise, o olhar que procuramos dar ao objeto é uma linha norteadora para um estudo mais amplo e aprofundado, porém acreditamos ser uma possibilidade bastante interessante de perceber o nosso objeto de análise. Por último, torna-se cada vez mais claro, a relação comunicação e práticas de consumo, nas ações propostas pelos *straight edges*, tanto considerando o consumo material, que é central em toda a discussão desses jovens, quanto o cultural, que é absorvido por diversos discursos que permeiam o grupo. Para tal, para além de uma retórica política tradicional ou associada a partidos políticos, compreendemos que nessas práticas cotidianas juvenis, e nesses agrupamentos propositivos de ações mais engajadas, de formas bastante particulares, são ações de politicidade, na qual “o corpo é elemento mediador e lugar de enunciação de uma nova politicidade, de um modo de ocupar e dar sentido ao espaço público e de construir uma cidadania cultural mais além da de direito.” (Cerbino *apud* Rocha, 2009: p.2). Terminamos esse texto, não de forma conclusiva, mas retomando uma ideia que nos pareceu bastante interessante e agregadora, que é a possibilidade de discursos tão contraditórios, se relacionarem de maneira a formar um novo discurso, pois como falam Freire Filho e Linhares (1999: p.272), ‘o straight edge consiste, em suma, num desafio àqueles analistas ávidos por classificações rígidas e inerentes’. É uma intrigante mistura de opostos, que se repelem, e quase de maneira mágica, acabam se incorporando.

## BIBLIOGRAFIA

FREIRE FILHO, João. LINHARES, Taiane. Vidas Regradas: configurações da moralidade dentro da subcultura *straight edge*. In: BORELLI, Silvia H. S. FREITAS, Ricardo Ferreira. **Comunicação, Narrativas e Culturas Urbanas**. São Paulo/Rio de Janeiro: Educa, 2009.

GONÇALVES, Paula Vanessa Pires de Azevedo. **Ser punk**: a narrativa de uma identidade jovem centrada no estilo e sua trajetória. Dissertação de mestrado defendida na Universidade de São Paulo, no Programa de Pós-Graduação em Educação. São Paulo: USP, 2005.

HAENFLER, ROSS. Rethinking subcultural resistance: Core Values of *Straight Edge* Moviment. *Journal of Contemporary Ethnography*, Vol 33, n°4. USA: Sage Publications, 2004.

HC, Felipe. **Perguntas e Respostas sobre o Straight Edge**. Link: <http://hcfelipe.vilabol.uol.com.br/Edge.htm> (Consulta: 31/10/2009, às 8:13hs)



MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo:** travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MEMÓRIA HARDCORE. [www.hardcore-memoria.blogspot.com](http://www.hardcore-memoria.blogspot.com) (Consulta: 10/01/2010, à 18:30 hs)

ORKUT. **Comunidade RODA DE POGO**

Link: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=186948> (Consulta: 10/01/2010, à 15:30hs)

ORKUT. **Comunidade VERDURADA.**

Link Disponível em: [www.verdurada.org](http://www.verdurada.org). (Consulta: 10/01/2010, às 14:30hs)

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso.** Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 1999.

ROCHA, Rose de Melo (2004) A cartola da mídia. Sacando imagens, materializando magias”, in **Revista Famecos**. Porto Alegre: *Famecos/Sulinas*, 2004.

ROCHA, Rose de Melo. Comunicação e consumo. Por uma leitura política dos modos de consumir, in Baccega, Maria Aparecida (org) **Comunicação e culturas do consumo**. São Paulo: Atlas, 2008.

ROCHA, Rose de Melo. Dá-me tua rebeldia que eu te compro uns belos sapatos: o ‘ser admirável’ como moeda midiática de troca. In: **Revista FAMECOS**, nº38. Porto Alegre: Famecos, Abril/2009.

ROCHA, Rose de Melo. Políticas de visibilidade, juventude e culturas do consumo. Um caso (de imagem) nacional. In: **Anais do 8º Congresso Lusocom**. Portugal: 2009b.

SINGER, Peter. **Ética Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SOUZA, Bruna Mantese. **Os straight edges e suas relações com a alteridade na cidade de São Paulo**. Dissertação de mestrado defendida na Universidade de São Paulo, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: USP, 2005.

SOUZA, Bruna Mantese. *Straight Edges* e suas Relações na Cidade, IN: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese (org.). **Jovens na Metrópole**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

WILLIAMS, J. Patrick. The *straightedge* subculture on the internet: a case study on style-display online. **Media International Australia incorporating Culture and Policy**. Nº 107. Mai/2004.